

José Albano em: "ODE À LÍNGUA PORTUGUÊSA", "ALEGORIA" E "O TRIUNFO"

JOSÉ VALDIVINO DE CARVALHO

José Albano apresenta-se, neste poema, como o quinhentista acabado, êmulo de Luís de Camões. Na simplicidade do estilo clássico, na modéstia do rimário, no conciso da expressão, na beleza modesta da forma, em tudo brilha o gosto de quem sorveu, em haustos francos, o encantamento da poesia portuguesa, no que ela oferece de emotivo e belo.

Em tôda a composição canta a nota de um grande afeto.

Diz Braga Montenegro que Albano inspirou-se na Ode IV de Camões, para fazer a sua "Ode à Língua Portuguesa". Naquela, publica o autor de "El-Rei Seleuco" as graças de D. Francisca de Aragão, em estrofes de quatorze versos, distribuídos do seguinte modo: dois versos de seis sílabas; três de dez; um de dez; dois de seis; três de dez; um de seis e um de dez. Aliás, as odes de Camões têm construção bastante irregular. ALBANO não segue a forma camoniana, vem a ganhar maior rendimento harmônico.

A ode em foco é formada de dez estrofes de sete versos decassílabos, sendo o sexto de seis sílabas, com rima entrecruzada. A primeira estrofe:

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

*“Língua minha, se agora a voz levanto,
Pedindo à Musa que me inspire e ajude,
Sòmente soe em teu louvor o canto,
Inda que a lira seja fraca e rude;
E tudo quanto sinto na alma, e digo,
Já que na alma não cabe,
Contigo viva e acabe — só contigo.”*

É patente o sóbrio estilo camoniano. A harmonia do verso é de belo efeito, recordando uma cantilena suplicante. O poeta criou um ambiente de circunflexão, uma espécie de velado respeito e afeto, por intermédio de sílabas e vogais surdas, que imprimem doçura ao conteúdo: *Língua minha, levanto, pedindo, Musa, me inspire, ajude, soe, canto, rude, contigo, etc.*

No início do primeiro verso, há o vocativo “Língua minha”. O autor fêz incidir todo o pêso da sua idéia capital, que é a saudação à Língua Portuguesa, neste vocativo. O resto da estrofe circunvola em derredor desta apóstrofe. É o verso de movimento regressivo, segundo o que ensina Afonso de Carvalho.

“Já que na alma não cabe, / Contigo viva e acabe — só contigo.” — Bonita composição assonântica, da rima interna (cabe, acabe), dando a impressão de delicado eco de quem canta.

Na ode, Albano inseriu rima interna em tôdas as estrofes.

* * *

Seguem-se mais quatro estrofes. É necessário observá-las de mais perto, com o objetivo de estudar um aspecto sintático. Assim, obrigo-me a reproduzi-las para melhor inteligência dos incisos:

*“Língua minha dulcíssima e canora,
Em que mel com aroma se mistura,
Agora leda, lastimosa agora,
Mas não isenta nunca de brandura;
Língua em que o afeto santo influi e ensina
E derrama e prepara
A música mais rara e mais divina.*

*Língua na qual eu suspirei primeiro,
Confessando que amava, às auras mansas
E agora choro, à sombra do salgueiro,
Os meus passados sonhos de esperanças;
Na qual me fêz ditoso em tempo breve
Aquela doce fala
Que outra nenhuma iguala — nem descreve.*

*Língua em que o meu amor falou de amôres,
Em que de amôres sempre andei cantando,
Em que modulo os mais encantadores
E deleitosos sons de quando em quando
E espalho acentos inda nunca ouvidos
De mágoas e de gozos,
Queixumes amorosos — e gemidos.*

*Sempre e sempre te eu veja meiga e pura
Naquela singeleza primitiva,
Naquela verdadeira formosura
Que farei que no verso meu reviva.
E, se apenas um pouco se rebelar
Dêsse encanto jucundo,
Há de mostrar ao mundo — quanto és bela.”*

Nestas quatro estâncias, há uma belíssima apóstrofe, pela qual JOSÉ ALBANO externa o acendrado amor ao idioma pátrio.

Por isso, suponho ser essa figura de apóstrofe um vocativo, na ordem da sintaxe: “*Língua minha dulcíssima e canora*” — (no 1.º verso); *Língua* (no 5.º verso da 1.ª estrofe); *Língua* (no 1.º verso da 2.ª estrofe); *Língua* (no 1.º verso da 3.ª estrofe); vem, finalmente, a oração principal a que pertencem os vocativos supra-indicados: “*Sempre e sempre te eu veja meiga e pura / Naquela singeleza primitiva, / Naquela verdadeira formosura /*

As quatro estrofes estudadas formam um período até o 4.º verso da 4.ª estrofe. Quanto à pontuação, em nenhuma edição da obra de JOSÉ ALBANO as estâncias terminam por pon-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

to-e-vírgula, até na última que nos apareceu, sob a orientação respeitável de Braga Montenegro. É que os clássicos não levavam em muita conta sinais de linguagem.

Esse fato sintático é semelhante ao que se encontra em "Os Lusíadas", no Canto 1.^o, estrofes 6.^a, 7.^a, 8.^a, 9.^a, em que o Poeta apostrofa a El-Rei D. Sebastião, exclamando: "*E vós, ó bem nascida segurança*", etc. (4.^o verso da 6.^a estrofe); "*Vós, ó nôvo temor da maura lança*", etc. (ainda da 6.^a estrofe); "*Vós, tenro e nôvo ramo*", etc. (7.^a estrofe); "*Vós, poderoso rei*", etc. (8.^a estrofe); "*Vós*" (ainda na 8.^a); "*Inclinaí por um pouco a majestade*" (9.^a estrofe), — que é a principal de todo o delongado período, que termina, nessa mesma estrofe, com três versos mais. É a lição de Camões. É também a lição de JOSÉ ALBANO.

— "*Língua minha dulcíssima e canora*" (2.^a estrofe).

Esses dois aveludados adjetivos emprestam aos termos — *língua minha* — suma doçura, enriquecida pela força expressional dos dois versos seguintes:

*"Em que mel com aroma se mistura,
Agora leda, lastimosa agora."*

— *dulcíssima e canora* — redundância pleonástica de bom resultado estilístico. Ambos são termos poéticos, mormente o superlativo composto *dulcíssima*.

— "*E agora choro à sombra do salgueiro.*" — A expressão "*chorar à sombra do salgueiro*" é contraditória na Bíblia, para indicar desolação.

— "*Língua em que o meu amor falou de amôres,
Em que de amôres sempre andei cantando.*" (4.^a est.)

Bonito fenômeno de anáfora: a repetição do mesmo vocábulo imprime mais alma ao sentimento confessado. Essa estrofe é um verdadeiro violino, tais as palavras empregadas, que despertam a idéia de música, de acalanto: *amor, cantando, modulo, deleitosos sons, acentos, queixumes amorosos, gemidos*.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

— A sexta e sétima estrofes atestam da atitude de ALBANO contra o modernismo, do muito que padeceu o coração de sentinela indormida da pureza idiomática:

*“Outros andam o teu sublime aspecto
D’ornamentos estranhos encobrando
Sem saber o que tens de mais secreto,
De mais maravilhoso e de mais lindo:
Em ti já não se nota o mesmo agrado
E não te reconheço,
Se o teu valor e preço — é rejeitado.”*

A sintaxe do último verso explica-se: *valor e preço* — o sujeito de *é*, no singular, porquanto se trata de sujeito composto, empregado como sinônimo.

*“Quanta e quamanha dor me surge e nasce
De nunca ouvir aquêlo antigo estilo,
Mas eu fiz que êle aqui se renovasse,
Para que o mundo enfim pudesse ouvi-lo.
E com todo o poder de engenho e de arte
Foi sempre o meu desejo
Ver-te qual ora te vejo — e celebrar-te.”*

— *quamanha* — da forma latina *quam* mais *magnum*, reduzida à forma abreviada: *quamanha*. É termo arcaico.

— *de engenho e de arte* — influência do verso de Camões: “Se a tanto me ajudarem engenho e arte.” Canto 1.º.

— *qual ora* — correspondente a *como agora te vejo*.

Continua o poeta na demonstração exclamativa e dolorida de seu amor à língua portuguesa. Na estrofe seguinte diz:

.....

*“Embora solitário, eu te defendo:
Eu te defenderei sem ter descanso
E em luta não inglória
Tu verás que a vitória — e a palma alcanço.”*

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Note-se a repetição anafórica: *Eu te defendo — Eu te defenderei.*

A penúltima estrofe:

*“E em pago disto peço que me imprimas
Maior ternura na alma e não ma agraves;
Dá-me versos dulcíssimos e rimas
Eternos, peregrinos e suaves:
Dá-me uma voz melodiosa e amena,
Para que noute e dia
Diga a minha alegria — e a minha pena.”*

— “Em pago” — Esta expressão era usada por Camões com forma masculina:

*“Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo...” (C. 10.º, VIII)*

E mais:

*“Co’ o ferro e fogo seu, quimado e fea
Em pago dos passados malefícios.” (10,27)*

— “... e não ma agraves.” — *Ma* — é forma contrata de *me mais a*.

— *“Dá-me versos dulcíssimos e rimas
Eternos, peregrinos e suaves:”*

— Atente-se no hipérbato do adjetivo “peregrino”, modificador do termo “versos”. É encontradiço em Camões:

— “E não quero um som alto e retumbante.” Recorda aquilo de Camões, em que apostrofa às Tágides: “Dai-me agora um som alto e sublimado.” (Canto 1.º, IV)

* * *

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

A L E G O R I A

Formou o Autor a Alegoria de setenta e sete estâncias decaessílabas de oitava rima, com acentuação variada e cesura na sexta sílaba. No início do canto, confessa que quer:

*“... que pelo mundo se traslade
Nova matéria não cantada outrora
E aos espaços etéreos se levante
Alto clangor de tuba retumbante.”*

E acrescenta:

*“E Espalho agora sons nunca escutados
E que seguir os passos determino
Do grande vate Grego e do Latino.”*

Esse programa de ação deixa entrever o desejo do poeta de fazer um canto épico, na esteira brilhante de Homero e Virgílio. Descreve o sonho de Vasco da Gama, em que lhe fala Mercúrio, dando-lhe conta do recado que lhe manda Júpiter, a reunião dos deuses, o interêsse de Vênus em favor dos portugueses.

Segue-se a descrição da ilha criada por aquela divindade para repouso da esquadra lusa.

Termina o canto alegórico evocando as Musas, para que:

*“... Apolo e as Musas amorosas
Tenham sempre na terra uma morada.”*

Disse João Ribeiro que a ALEGORIA era um pasticho de “Os Lusíadas”.

É certo que JOSÉ ALBANO foi buscar o apoio de inspiração nos cantos 2.º, 6.º, e 9.º do poema imortal. Vocábulos como *traslado*, *tuba*, *retumbante*, similitude de descrição dos “limões amargos” da ilha de Vênus, idéia, disposição formal, etc. etc., aparentam, assim, os dois poetas.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Meticulosa e paciente investigação, porém, deduz que não há mero reflexo apassivador do texto camoniano sobre o texto albanino.

Com sua força assimiladora, conseqüência da cultura humanística, o poeta extraiu o belo material lusíada, mas transformou-o, por completo, à sua temática, ao seu senso artístico.

O movimento dos fatos e dos tipos, o sabor mais lírico que épico injetado ao canto, a liberdade em que traçou a ação, as outras tintas com que pintou a beleza paradisíaca da ilha de Dione afastam ALBANO de um pasticho.

Está bem lançada a observação do Sr. Braga Montenegro: "... no primeiro (Camões) a absoluta genialidade criadora; no segundo, (ALBANO) o inquietante e obstinado talento assimilador." (Op. cit., pág. 11).

A beleza estilística da ALEGORIA coroa a obra de filigranas luminosas, com aquela parcimônia, porém, que caracteriza JOSÉ ALBANO, o que o distingue também do grande mestre.

É encontradiça a antonomásia: "O Luso Capitão adormecia (est. 6.^a) — por Vasco da Gama.

"Mora o Padre Imortal, co'a Espôsa ao lado (est. 8.^a) — por Júpiter.

"Quando aparece a deusa dos Amôres" (est. 11.^a) — por Vênus. Na estrofe 18, fala Vênus a Zeus:

*"Já fiz surgir uma ilha nunca vista
Em meio do oceano, amena e doce,
Onde o audaz coração, dado a conquista,
Pelos amôres conquistado fôsse;
E aí, longe de tudo que constrista,
Guiei as invencíveis naus, e trouxe
Onde se repousassem das fadigas
De mares e de terras inimigas."*

O assunto desta estância repousa na est. LII do C. IX de Camões, onde descreve:

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

*“De longe a ilha viram fresca e bela,
Que Vênus pelas ondas lh’a levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada se enxergava:
Que, porque não passassem sem que nela
Tomassem pôrto, como desejava,
Pera onde as naus navegavam, a movia
A Acidália; que tudo em fim podia.”*

Pasticho? Absolutamente! Ao contrário: magistral adaptação, perfeita assimilação do descritivo. Enquanto em Camões há minuciosa descrição do quadro, na terceira pessoa do singular, em JOSÉ ALBANO Vênus fala na 1.^a pessoa, referindo-se a um fato pretérito: “Já fiz surgir uma ilha nunca vista.” (ALEGORIA)

No Canto 11.^o, estrofe LXII, terminando de interceder pelos portugueses, começando a chorar, enternece Júpiter, que “as lágrimas lhe alimpa, e acendido / Na face a beija, e abraça o colo puro; / De modo que dali, se só se achara, / Outro nôvo Cupido se gerara.”

A cena, nos “Lusíadas”, traz um pouco de sal da malícia, para condimentar o afeto do deus pela feminil deidade. O drama, em ALBANO, é simples, tão-sòmente:

*“Cala-se, erguendo os olhos suplicantes
Que vencem qualquer peito adamantino;
E o Padre Zeus, cuidando alguns instantes,
Pelos ares derrama o som divino:
“Moradores do Céu, altos possantes,
Que regeis dos humanos o destino,
Ouvi-me decidir a incerta sorte
Da geração de Luso fera e forte.”*

(ALEGORIA, est. 21)

O discípulo de Camões move-se com liberdade, dentro da poderosa influência do mestre.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Na estrofe vinte e dois escreve: “Êstes navegadores que assim vemos / No lago undoso, abrir nôvo caminho,” etc. Outro fenômeno de metonímia; *lago undoso*, em vez de oceano cheio de ondas. É belo o efeito poético do adjetivo *undoso*.

— Ao terminar a fala de Mercúrio ao adormecido Vasco da Gama, descreve o autor o retôrno do deus e: “Destarte subiu lépido e ligeiro / Pelo Caminho Lácteo o Mensageiro” (est. 26).

Dois exemplos de metonímia: *caminho lácteo*, por céu estrelado, e *Mensageiro*, por Mercúrio.

Agora principia a descrição da ilha, que Ceterea fêz surgir do mar. Em Camões, o quadro é pintado em dez estâncias, o mesmo fazendo JOSÉ ALBANO. O poeta luso dividiu o trabalho descritivo com a apresentação das figuras de ninfas e deuses, aplicando, na aquarela, trinta e nove nomes entre os de animais e coisas. JOSÉ ALBANO distribuiu, pelas suas dez estâncias, cinqüenta e oito substantivos, empenhando-se mais nas côres da tela que no movimento das pessoas olímpicas.

Daí, mais frescor e graça, mais luzes e enfeites no poema de ALBANO. A estrofe trinta e uma pinta:

“Por um declive saudoso rio
Entre as penhas desliza lentamente,
Formando um lago claro e luzidio
No qual se espelha a selva florescente;
Vê-se ali um vergel verde e sombrio,
Banhado pela límpida corrente,
Onde colhêr se podem, sem embargos,
Doces laranjas e limões amargos.”

Observe-se a expressão *vergel verde*. Em que sentido empregou o poeta o qualificativo *verde*? Não será aqui uma redundância viciosa, conseqüência da sua tão sabida parcimônia vocabular? *Vergel* já implica a idéia de *verdor*, *verdura*, *campo* ou *pomar verde*.

Silva Bastos (“Dicionário Etimológico”) e Fonseca (“Dicionário Português-Latino”) dão como derivado de *verdiarium*, termo empregado por Plínio. Observe-se o último verso: *Doces laranjas e limões amargos*. Este passo está em Camões: “Os

formosos limões ali cheirando, / Estão virgíneas têtas imitando.” (Canto IX, 56) O adjetivo *amargos* empregou-o no sentido de *azedos*.

— “Borboletas azuis, *multicolores*” (Alegoria, pág. 92) — em vez de *multicores*. É figura de alargamento fonético — epêntese.

— “D’ olores e alecrim o espaço inunda” (Alegoria, 93). Contração da preposição *de* com o substantivo *olores*. *Olores* é o plural de *olor*, do latim: *Olor* — *oloris*. Termo erudito.

— “Da *petrina* um aroma se traslada
De violetas, cravos e açucenas, Aleg.” 41)

A palavra *petrina* significa cinto, cintura, originária do francês: *poitrine*. O autor alude à faixa da deusa Primavera. Camões usou o mesmo vocábulo.

*“Mil Amôres em tôrno vão voando
E mil Prazeres vêm pelos espaços
Mil Sonhos e Ilusões em leve bando
Batem as asas, lânguidos e lassos. (Aleg., 95)*

Observemos o emprêgo repetido do numeral *mil*. É um recurso para a idéia descritiva. É a figura de anáfora. O Autor personaliza os substantivos abstratos *Amôres*, *Prazeres*, *Sonhos*, *Ilusões* e põe-nos em maiúscula. O último verso transcrito — “*Batem as asas, lânguidos e lassos*” — forma um bellissimo caso de aliteração, por causa das sibilantes e linguais. O indicativo *batem* sugere uma pancada sêca, de asas em vôo, enquanto os qualificativos *lânguidos* e *lassos* lembram leveza, vagarosidade, cansaço.

*“Bem como a nívea e prateada lua,
Não querendo que a luz se nos traslade,
Pela noturna abóbada flutua,
Entre nuvens velando a claridade,
Mas de repente surge livre e nua
E as estrêlas vencendo, o espaço invade:
Tal, deslumbrando os olhos, branca e bela,
A Primavera aos nautas se revela.”*

(Aleg., pág. 45)

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Nesta estância, o Autor forma uma comparação, entre a lua que se embuça nas sombras, para revelar-se depois, linda e brilhante, e a Primavera, na sua feérica revelação. ALBANO usou seus passes de mágico estilista, produzindo assim maravilhoso contraste.

Nos cinco primeiros versos, pinta um quadro penumbroso, com as tintas escuras da vogal "u", (lua, flutua, nuvens, surge, noturna, etc.) auxiliada pela nasal "n", (querendo, velando, deslumbrando, branca, etc.). É um ambiente noturno. Nos três últimos versos, porém, muda-se de repente a tonalidade crepuscular.

Agora, é claridade, intensidade aureoreal, o que consegue ALBANO com as vogais claras (a, o, e). Por isso temos: "E as estrêlas vencendo o espaço invade: / Tal, deslumbrando os olhos, branca e bela, / A Primavera aos nautas se revela." É o ambiente luminoso do dia.

Estância 46.^a:

*"E qual a môça que, tornada em ave
Queixosa Filomela jugidia,
Com voz tão saudosa qual suave
Faz ressoar no bosque a melodia;
E por mais que a tristeza se lhe agrave,
A todos vai enchendo de alegria:
Não doutro modo a Primavera agora
Ergue a fala brandíssima e sonora." (est. 49)*

Essa môça de que fala o autor é Filomela, figura da mitologia grega. Assassinou o cunhado, Teseu, espôso da irmã Progne, e, por isso, foi metamorfoseada em rouxinol, que "com voz saudosa, faz ressoar no bosque a melodia".

*"..... a Primavera agora
Ergue a fala brandíssima e sonora". (idem)*

Alusão ao discurso da Primavera, dirigindo-se aos portugueses, elogiando-os e vaticinando-lhes glorioso futuro. Aqui, quanto ao conteúdo dos versos, JOSÉ ALBANO diverge de

Camões. No Canto II dos "Lusíadas", é Júpiter que, comovido pelo pedido e beleza de Vênus, prediz gloriosa derrota às naus lusitanas. Na Alegoria, é a deusa Primavera quem se dirige aos marinheiros lusos: "Claríssimos varões da lusa armada", etc. (pág. 96). São vinte e uma estâncias para o discurso da deusa, pelo que se patenteia que ALBANO imprimiu um caráter mais artístico às conquistas portuguesas, ao contrário dos "Lusíadas", onde o renome lusitano baseia-se em vitórias belicosas.

As quatro últimas estâncias da ALEGORIA são uma apóstrofe às Musas. Começa com a expressão de desalento: "Musas, não mais! O último som derramo / E já se apaga a flama em que me alento." Recorda Camões no Canto X, estância CXLV: "no mais, Musa, no mais, que a lira tenho / Destemperada, e a voz enrouquecida;" /

* * *

O T R I U N F O

• Poema composto de quarenta e um tercetos e um quarteto, com verso decassílabo e rima emparelhada. A do segundo verso combina com a do primeiro verso do terceto seguinte. Trata-se de um canto épico, porém com tendências para o lírico. O coração magoado de JOSÉ ALBANO não poderia deixar de obedecer aos seus íntimos sentimentos.

Na primeira parte do canto, predomina o descritivo, o bucólico, onde o autor fala de Vênus, "a cujo raro encanto andou rendido".

Homenageia entidades do Olimpo e dirige-se, então, à deusa Musa, o que forma a segunda parte do poema, absolutamente lírica. A última parte é a resposta da Musa à sua súplica:

*"Caro amador, nunca houve que te visse
Se não tratando só do afeto puro
Que o amor manda que sempre se cobice."*

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

O estilo é camoniano, todo disciplinado nos cânones clássicos. Nesse poema, mais lírico que épico, sopra uma aura de dolorida mágoa, que a ritmia uniforme do verso mais adensa e revela. De tal forma, ergue:

*“A voz chorosa e suplicante:
Ó tu, minha dulcíssima inimiga
Que a tôda parte aonde me traslado,
Manda que o amor eterno nos persiga;
Ó tu que vais causando o meu cuidado
E fazes tanto mal sendo tão boa,
Escuta os ais de um peito magoado.*

(TRIUNFO, pág. 226)

— “Dulcíssima inimiga”. Isto é, a deusa **Musa**. **Sugestiva** figura de ironia, aplicada ao substantivo *inimiga*, que parece estar em contradição com o modificador *dulcíssima*. O Autor quer significar o sofrimento causado pela pessoa amada.

— “E fazes tanto *mal* sendo tão boa.” — *Mal* e *boa*: figura de antítese.

*“Pois quando ordenas que êste amor me doa,
Como uma ave cansada torna ao ninho,
Ao teu regaço o meu desejo voa.”*

(pág. 227)

Note-se a intensidade de movimento do tercêto, que o Autor obteve com quatro verbos: *ordena-se*, *doa*, *torna*, *voa* e o delicioso efeito afetivo que transpira dos três verbos.

*“Nunca te faltará do monte santo
A proteção benigna e benfazeja.”*

(pág. 229)

— *Monte santo* — metonímia, em vez de Parnaso.